

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Se realidades existem que — por se terem tornado particularmente notadas, em grande parte devido aos problemas sociais que levantam — sub-repticiamente ou «clandestinamente» entram no discurso das ciências sociais, uma dessas realidades (ou quase mito, se com esta expressão se designar uma construção social que existe mais como representação social do que como realidade) é a da juventude.

No primeiro artigo do conjunto dos que a seguir se apresentam, «A construção sociológica da juventude — alguns contributos», sublinha-se justamente a necessidade de estabelecimento de rupturas epistemológicas com as representações correntes e «pré-construídas» da juventude — «heterónimas», na exata medida em que são sugeridas pelos *mass media* e por intervenções político-administrativas de vária ordem.

Desafio que se coloca à sociologia é, então, o da desconstrução (desmistificação) sociológica de alguns aspectos da construção social (ideológica) da juventude, que, em forma de mito, nos é dada como uma entidade homogênea. Nos artigos que se seguem, a juventude aparece, de facto, retratada como um conjunto diversificado, em função de diferentes pertenças e situações de classe, diferentes trajectórias individuais e familiares, diferentes socializações e mobilizações políticas, diferentes representações, aspirações e expectativas perante o poder político, diferentes relações de sociabilidade, diferentes usufrutos de lazer, diferentes redes de relacionamentos sociais, diferentes imagens de posição social, diferentes modelos de orientação pessoal.

Com efeito, ao analisar os resultados de um inquérito aos participantes em congressos de organizações partidárias de juventude, Manuel Braga da Cruz verifica que a participação e a identificação política dos jovens inquiridos são fortemente condicionadas pela diferenciação social, profissional e educacional, do mesmo modo que diversas representações de poder são afectadas por diferentes canais de socialização e mobilização a que as «*élites* políticas juvenis» se encontram sujeitas. As diversas representações do poder e os vários comportamentos em face dele também variam com a posição política e ideológica, sendo notórios os efeitos de alinhamento partidário das organizações juvenis.

Kenneth Roberts e Glennys Parsell mostram, por seu lado, como o processo de transição dos jovens para a vida adulta, na Grã-Bretanha, é indissociável das transformações registadas no processo de ingresso no mercado de trabalho. É, se é certo que jovens de diferentes condições sociais pare-

cem viver situações semelhantes no quadro de uma nova «condição social juvenil», também é certo que essas situações são vividas de maneira muito diferente, sob o efeito de polarizações socioeconómicas que têm vindo a registar-se na Grã-Bretanha, ao longo das duas últimas décadas.

Finalmente, no artigo de António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida —desenvolvido a partir dos resultados de um inquérito a estudantes de vários cursos do ensino superior— é visível como as filiações sociais de origem são das mais transparentes «bolas de cristal» através das quais se pode ler o «futuro» dos jovens, seus modelos de orientação de vida, suas imagens de posição social, enfim, importantes segmentos de sistemas de disposições e de configurações culturais. mas, se as pertenças de classe se têm constituído como princípios de relativa cristalização e segregação de comportamentos e de adesão a valores, os autores levam mais longe as suas propostas, salientando a conveniência de alargar o campo de análise de classes através de conceitos como os de trajectória social, relações de sociabilidade e redes de relacionamentos sociais.

José Machado Pais